

II CONFERÊNCIA ANUAL DO TURISMO 08

ORDEM DOS ECONOMISTAS, delegação regional da Madeira

AMBIENTE COMPROMISSO TURÍSTICO

17 de Outubro de 2008

II painel – Ambiente, património competitivo

1 DESLOCAÇÃO E EXPERIÊNCIA

2 Os temas propostos à reflexão nesta conferência sobre a economia do Turismo gravitam em torno do termo onnipresente de Ambiente, da ideia de compromisso, bem como do atributo património competitivo. Ambiente: do latim ‘andar à volta de’, ‘envolvente’, pode ler-se no dicionário da língua portuguesa contemporânea. Por coincidência a palavra seguinte é ‘ambiguamente’. A ideia de Ambiente é imprecisa e ambígua, e oposta no essencial ao significado de Lugar referido no mesmo dicionário como ‘parte determinada de um espaço’. Em tudo, o termo Lugar é preciso e definido, enquanto o termo Ambiente é vago e indefinido. Neste sentido a noção de identidade pode ser referida a Lugar, mas muito dificilmente a poderemos associar à ideia de Ambiente.

3 Esta questão aparentemente semântica é fundamental na discussão em torno da questão do valor patrimonial e do carácter competitivo do espaço quando falamos de Turismo. Neste sentido, procurarei apresentar e discutir a evolução e transformação do conceito de Turismo, associando a ideia de deslocação com a busca de uma experiência, e a artificialização progressiva do conceito de identidade do lugar como estratégia de atractividade económica do Turismo enquanto indústria e cultura. Estando a nossa actividade profissional relacionada com a produção de pensamento e de espaço a partir da realidade económica e da carga cultural imanente aos lugares, apresentarei em seguida um conjunto de experiências e formulações de modelos espaciais relativos à criação de espaços, e à tentativa de integrar a economia de outras formas de produção enquanto capital cultural dos mesmos. Relacionando, em análise

comparada, um conjunto de projectos de motivação turística inseridas em espaços naturais, urbanos, e rurais, proponho à reflexão as potencialidades que a integração e interacção das diversas actividades económicas subjacentes aos mesmos espaços, geram na criação de novos modelos culturais e espaciais. E sabemos cada vez mais, que é sobre a deslocação e a procura da experiência de novas identidades, que se fundamenta a verdadeira competição da atractividade das Cidades, das Paisagens, e dos Espaços Naturais enquanto factores de diferenciação Turística. As conclusões, deixo-as à reflexão dos participantes neste debate e à síntese que a moderação certamente alcançará.

4 O desenvolvimento das teorias sobre o Turismo partiu fundamentalmente das áreas dos chamados Estudos Culturais (com origem na Sociologia e na Antropologia) e da Economia. No entanto, a reflexão estendida aos modelos espaciais ou seja à produção de pensamento e espaço de Arquitectura e de Paisagem, não está desenvolvida de forma consistente e sistemática enquanto campo de crítica e teoria, ao contrário de a prática de construção do espaço turístico. Na sua tese 'Turismo e Paisagem' resultante da pós-graduação em Discursos e Culturas emergentes, Inês Norton estabelece um conjunto de pontes que poderão permitir fazer uma leitura crítica e teórica sobre a produção de espaço relacionado com o Turismo, e que irei utilizar nesta abordagem. No campo da Antropologia diversos estudos e teses como as de João Pina Cabral, Sandra Xavier têm vindo a discutir e aprofundar questões fundamentais para o desenvolvimento do Turismo num plano conceptual, e que se prendem com aspectos da identidade imanente dos lugares.

5 Numa posição analítica do fenómeno turístico, MacCannel propõe na sua obra 'The Tourist' uma visão do surgimento e evolução do Turismo a partir da divisão do tempo de Lazer por oposição ao tempo de Trabalho, no contexto da Industrialização Europeia no séc.XIX. Na sua perspectiva, e de forma bastante simplificada, o Turismo surge como deslocação no espaço do tempo de lazer por oposição à permanência que o Trabalho nos impõe. De maneira simplista direi que a divisão do nosso tempo de vida em períodos de Trabalho e de

Lazer, permite a deslocação ou viagem a partir do nosso lugar de habitar permanente. John Urry desenvolve esta noção na sua obra 'The tourist gaze' precisando a ideia de deslocação e permanência temporária num destino diferente do local de origem da residência ou do trabalho. Destaca ainda a diferença entre o sentido colectivo e manipulado dos interesses das massas turísticas, por contraste com a noção individual do viajar em descoberta. Esta oposição caracteriza-se pela criação antecipada de um imaginário colectivo como produto de atracção turística, diverso da descoberta que a viagem individual ou de pequenos grupos permite.

6 A intensificação dos processos de produção de destinos turísticos nas últimas décadas, deveu-se sobretudo ao crescimento da capacidade económica de uma classe média ocidental, e ao surgimento de uma classe média nos países do leste europeu e da Ásia. Esta circunstância de congestão e progressiva digestão dos espaços mais apetecíveis obrigou a uma maior segmentação do mercado e do espaço turístico, e a uma progressiva sofisticação na produção e artificialização dos produtos turísticos. A questão da identidade torna-se então um factor fundamental de diferenciação dos lugares enquanto produto turístico. A identidade dita genuína, tem sido por vezes substituída pela identidade produzida a partir da hiper-valorização da história e da sua tematização conceptual, originando os 'resort' e os parques temáticos produtos de uma cultura pós-moderna, ou através de uma cultura icónica de símbolos redutores da realidade: edifícios-símbolo, artefactos-símbolo, imagens de lugares como símbolo.

7 Mas se a exploração da identidade dos lugares como fundamento da competição e da atractividade turística é um caminho culturalmente positivo, a sua redução a aspectos determinados, ou o isolamento de alguns factores de identidade, constitui em muitos casos uma estratégia redutora do potencial dos lugares a médio e longo prazo. A interacção e o desenvolvimento de outros factores de identidade, e outras actividades económicas podem sim ser um passo na consolidação da competitividade dos lugares, sejam eles as cidades, as paisagens ou os espaços naturais. Ao desenvolvimento de uma

identificação dos espaços e processos culturais existentes, através de uma integração com factores contemporâneos (tecnologia, linguagem cultural, novas economias) chama Lipovetski uma visão hiper-moderna, por oposição a uma visão que elege a história e o passado, bem como a sua redução icónica, como único paradigma de um pensamento que se convencionou chamar pós-moderno. No desenvolvimento de um pensamento que permita fazer um desenvolvimento sustentado dos factores de concepção dos produtos turísticos baseados na comunicação da identidade dos lugares, deverá basear-se a produção de conceitos e espaços turísticos que se desejem viáveis no tempo.

8 Neste sentido, a diferenciação excessiva do espaço turístico através da criação desintegrada de espaços de 'resort', de parques temáticos, ou de extensões sub-urbanas do 'turismo residencial', por oposição ao desenvolvimento de ofertas turísticas integradas nos espaços urbanos, rurais ou naturais, tem conduzido a ciclos de consumo de imagem cada vez mais rápidos e artificiais, e à asfixia e perda de potenciais de atractividade de regiões mundiais. Considerando o carácter global que a difusão da comunicação e a capacidade de deslocamento no espaço hoje possuem, poderemos pensar que a competitividade das regiões assenta na capacidade de diferenciação cultural, económica, espacial e de divulgação dos chamados estilos de vida que constituem os seus traços de identidade. Esta concepção faz-nos repensar a ideia de viagem como experiência de descoberta, por oposição à ideia do simples consumo de um imaginário pré-fabricado.

9 O tema da diferenciação e segregação do espaço turístico atingiu escalas territoriais e levantou problemas não imaginados nem sequer ainda reflectidos. O massivo desenvolvimento da segunda residência em áreas homogéneas distantes das grandes aglomerações urbanas ou metropolitanas que originam os fluxos turísticos, tem causado um conjunto de problemas que importa reflectir. A existência da segunda residência não é um fenómeno novo, nem muito menos recente no contexto cultural europeu. A deslocação temporária para outro lugar por motivos não relacionados com o trabalho mas sim com o lazer, a prática religiosa ou a saúde, existe desde a pré-história, excluindo

naturalmente os fenómenos de transumância próprios de algumas já raras actividades económicas. O que constitui um fenómeno novo com forte impacto no espaço, na cultura, e na economia das regiões, é a tradução massiva deste fenómeno de instalação de formas de habitar com as implicações e desequilíbrios que estruturas e infra-estruturas desta dimensão provocam. De um ponto de vista espacial o sobredimensionamento da infra-estrutura e o consumo de espaço para utilizações temporárias ou sazonais, põe problemas de gestão do espaço regional que não foram ainda avaliados nas suas múltiplas implicações. De um ponto de vista económico, sempre que a integração com outras actividades não tem sido resolvida, o abandono de actividades económicas essenciais para a exploração de recursos locais ou regionais formadores de identidade e atractividade, tem sucedido, conduzindo a uma diminuição da heterogeneidade estratégica e sinérgica das actividades económicas, e consequentemente da sua resiliência enquanto sistema. Do ponto de vista cultural, factor fundamental para a identidade e competitividade, o abandono de actividades consideradas menos competitivas economicamente, tem gerado o desaparecimento de nichos mais ou menos estruturantes do carácter regional ou local e consequentemente da sua competitividade. A deslocação de mão-de-obra mais ou menos especializada na actividade turística tem igualmente gerado uma descaracterização social e cultural, por aparecimento de um proletariado desenraizado e sem tempo para uma miscigenação cultural desejável nos processos de migração interna ou externa.

10 Como poderá então perspectivar-se o desenvolvimento do Turismo enquanto actividade económica, social e cultural, num momento em que as crises recentes geradas pela economia financeira, e pelos custos da energia e da deslocação parecem fazer arrefecer a intensidade das últimas décadas? Não existirá uma única mas sim muitas respostas, evidentemente provenientes de um leque variado de disciplinas do conhecimento e da actividade produtiva, sendo o momento presente do ciclo económico e cultural favorável à sua discussão transversal. As teorias de sistemas são no entanto claras em relação a fenómenos de grande complexidade. Utilizando em abstracto alguns princípios da Ecologia e das Ciências Naturais que me são mais próximas,

sabemos que a resiliência (ou a capacidade de regulação e reequilíbrio dinâmico) é tanto mais forte em relação a um dado ecossistema quanto maior a sua complexidade, heterogeneidade e sinergia se afirmar. Salvaguardando as necessárias distâncias, poderemos afirmar que quanto maior for a capacidade de integração e interacção entre a actividade turística e as restantes actividades económicas e culturais no espaço, maior será a probabilidade de um desenvolvimento integrado, e sustentado a médio e longo prazo. Parece então ser fundamental discutir e regular estas questões, apontando para uma atitude de enorme realismo na produção e gestão do tecido económico, cultural e espacial dos locais e das regiões, afastando-nos do enorme artificialismo e individualismo que são comuns à realidade actual.

Observemos alguns casos de produção e gestão de espaço em que temos participado ao longo da última década enquanto co-criadores de espaço, e que nos poderão ajudar a reflectir a partir do entendimento dos modelos de desenvolvimento económico, cultural e espacial que lhes estão subjacentes. Alguns casos são nacionais outros não. Ocorrem projectos em espaço urbano, rural ou natural, estando alguns em utilização e outros em planeamento ou projecto. Alguns partem de uma realidade fossilizada, habitando-a parcialmente, outros partem de situações muito complexas, outros ainda de realidades completamente distintas entre si e relativamente ao ponto de partida. Em comum, o investimento e desenvolvimento de novas actividades, novas identidades, e uma maior ou menor integração na realidade existente.

11 Em Flor-da-Rosa no Crato, uma agência do Estado decidiu reabilitar um antigo Mosteiro medieval e adaptar parte do seu espaço a exploração como Pousada. Da totalidade do espaço original composto pelo complexo conjunto de edifícios do Mosteiro e Igreja, inseridos numa Cerca dedicada a exploração agrícola, apenas parte do edifício do Mosteiro e alguns espaços exteriores foram adaptados ao fim turístico. **12** Em termos teóricos, a adaptação pressupôs trabalhar a estrutura fossilizada de um mosteiro e da sua cerca, através da interpretação da sua Memória e dos processos naturais subjacentes: o processo de Conservação desenvolveu-se entre a ideia de

estabilização do lugar e da matéria, e a dinâmica dos processos naturais. **13**

Ou seja, a possibilidade de reutilizar parte da estrutura espacial e material sem utilização levou à necessidade de interpretação do espaço existente e acrescentado, da possibilidade de introduzir novas técnicas de construção que não destruíssem a Memória da estrutura, antes potenciando o novo uso em estimulante tensão com a construção pré-existente, agora adaptada com todo o

conforto possível. **14** O atravessamento e articulação com um sistema de alimentação hidráulica do conjunto da Cerca e da aldeia, levou ao redesenho do espaço de Paisagem, recriando os temas fundamentais e tipológicos do

Adro, do Horto e do Olival. **15** A inserção de elementos contemporâneos como o estacionamento, os acessos viários e pedonais, e a piscina funcionaram como temas de desenho e concepção do espaço, que produziram um espaço renovado dentro de uma casca histórica fossilizada. **16** A gestão

do conjunto teve no entanto uma perspectiva mais conservadora, virada sobretudo para a exploração hoteleira convencional do edifício e do seu espaço imediato, desinteressando-se da possibilidade de explorar o uso turístico do espaço da Cerca e do seu sistema hidráulico, ou das rotas históricas existentes

na região. **17** A actuação em rede, explorando os recursos locais tais como a olaria, a gastronomia, a coudelaria de Alter ou a rede fronteiriça de fortificações por exemplo, não gerou até ao momento nenhuma interação perceptível, com vantagens para o desenvolvimento de emprego, fixação geracional e formação de recursos humanos.

18 Um segundo exemplo, de carácter bastante distinto corresponde a uma intervenção promovida por uma agência da administração regional da Madeira, com o objectivo de criar um equipamento de piscinas para fruição pública do

Mar, no sítio das Salinas em Câmara de Lobos. **19** A partir de um concurso foi seleccionada uma equipa multidisciplinar para o desenvolvimento de um conceito e de um projecto, com esse objectivo. O desenvolvimento do programa e do projecto permitiu diagnosticar que a resolução de um conjunto

de problemas interligados que afectavam um espaço ameaçado por um processo de erosão social e natural, permitiram estabilizar física e socialmente este lugar. **20** A ameaça da erosão marítima das escarpas sobre as quais assenta parte do aglomerado, a pressão e corte que a estrada regional exerce sobre ambos os lados, a descontinuidade espacial e a fraca qualidade do espaço público num contexto de habitação social pouco estabilizada, bem como o atravessamento de uma levada parcialmente contaminada, definem um quadro complexo que o projecto teve de responder. **21** Num plano teórico, a Memória do lugar e a Paisagem em que se integra, actuaram como Matéria de transformação: através do reconhecimento dos elementos e da linguagem espacial da Paisagem e dos seus processos naturais (erosão costeira e atravessamento da levada) foi produzida uma reactivação espacial e a transformação da representação social do espaço. **22** O projecto foi seleccionado como finalista do Prémio Europeu de Paisagem, no âmbito da 5ª Bienal de Paisagem de Barcelona, e foi reconhecido com o prémio do público. A transformação do espaço desenvolveu a par de outros projectos em curso, uma transformação no plano urbanístico, arquitectónico, paisagístico, que criou evidentemente uma infra-estrutura válida para o aproveitamento turístico da comunidade de Câmara de Lobos.

23 Na sequência deste trabalho foi também desenvolvido um projecto que procurou sobretudo criar acesso a um troço costeiro entre Câmara de Lobos e a Praia Formosa, igualmente na ilha da Madeira. As ligações ao caminho costeiro precedente não estão concluídas pelo que a continuidade não está assegurada. **24** A articulação pedonal e ciclável, permite a descoberta de um conjunto de pequenas praias inacessíveis, contidas pelas altas escarpas, mantendo um grande grau de naturalidade nas mesmas. **25** A experiência de um espaço natural fortemente caracterizado pela presença das escarpas, heterogéneas na sua composição e instabilidade, e pela ondulação marítima constitui forte factor de atractividade, ampliando a carga das praias até então

inacessíveis. A articulação com um hotel existente aumenta a sua relevância.

26 O projecto é constituído por um conjunto de passadiços que em arcos sucessivos contornam limites de pequenas praias, afastando-se das escarpas instáveis sobre afloramentos rochosos emergentes do mar, possibilitando uma experiência de rara beleza, e permitindo o reconhecimento de situações geológicas dificilmente observáveis. **27** Estes passadiços em arco estão

ancorados nas extremidades a plataformas-baluartes revestidas a madeira, que permitem o acesso às praias ou simplesmente a permanência enquanto solários. **28** Em termos conceptuais, a experiência e o acesso a lugares

fisicamente inacessíveis, proporcionam uma consciência do processo natural da dinâmica geológica costeira inerente à própria história natural da ilha. **29**

A ligeireza das estruturas de passadiço, em contraste com a força ameaçadora e por vezes destrutiva do mar e das escarpas instáveis, permite uma experiência do sublime e constitui um factor enriquecedor da enorme diversidade de experiências naturais e paisagísticas que a ilha da Madeira oferece.

30 O estudo desenvolvido para a ilha de Dellis Cay, nas ilhas Turks and Caicos nas Caraíbas, inseriu-se numa fase de exploração interdisciplinar das potencialidades turísticas desta ilha deserta, a partir de um estudo de marketing realizado previamente. **31** Partindo de um espaço de uma idílica

ilha deserta e tropical, num estado de naturalidade inexpectável, mas sujeita a períodos de imersão quase total durante as violentas tempestades tropicais sazonais, procurámos avaliar as possibilidades de usufruto da enorme biodiversidade e da beleza ameaçada e simultaneamente perigosa de um lugar natural, contíguo a uma parte do arquipélago considerada como reserva natural. **32** Destinada a um segmento de mercado muito alto e de carácter

global quanto à proveniência, o estudo procurou revelar as potencialidades que o reconhecimento de uma diversidade de biótopos poderá integrar no projecto, gerando núcleos de carácter diferenciado, a serem desenvolvidos por

arquitectos de reconhecimento internacional com linguagens e expressões diversas. **33** A expansão da praia principal, mantendo o recorte da costa e criando em simultâneo uma estrutura subaquática de dissipação da energia da ondulação marítima, permitirá desenvolver a primeira fase e aumentar a expressão e a carga desta extensa superfície de areia imaculada. O reconhecimento da potencialidade de recreio e descoberta de um ecossistema húmido de Mangal enquanto espaço central a vários núcleos, recuperando um espaço que no estudo anterior era visto como um espaço de pântano ameaçador, valorizou um conjunto de espaço que careciam de uma frente de interesse e acrescentou valor e diversidade ao empreendimento em desenvolvimento na ilha. A reabilitação de uma lagoa interior em processo natural de sedimentação, permitirá desenvolver um núcleo de spa dedicado a turismo de saúde, identificado e caracterizado com enorme sobriedade pelo trabalho de arquitectura e de paisagem. **34** O reconhecimento da diversidade e riqueza ecológica e espacial, permitiu rever um estudo banal de marketing turístico, articulando espaços de uma beleza natural inesperada e criando propostas de arquitectura e paisagem criadoras de uma experiência única, acrescentando valor económico à região, e criando um destino único pelo carácter natural e qualidade de paisagem.

35 Os restantes dois casos de estudo inserem-se na região da albufeira de Alqueva, na região do Alentejo. Os dois projectos em desenvolvimento, ambos de iniciativa privada partem de duas situações afectadas directa e indirectamente pelo enchimento da albufeira. **36** No caso da herdade do Mercador no concelho de Mourão, uma parte significativa da propriedade foi inundada, perdendo a sua estrutura e organização, enquanto a herdade do Barrocal, no concelho de Reguengos de Monsaraz, não sofreu qualquer alteração à sua estrutura e organização produtiva.

37 O projecto de desenvolvimento para a herdade do Mercador parte da hipótese de reorganização de um espaço agrário residual (de uma herdade

inundada na sua maior parte pela albufeira de Alqueva), baseado na criação de um espaço de uso exclusivamente turístico e baseado na tematização de tipologias agrárias. **38** A investigação sobre modelos de organização espacial em territórios vastos em contexto mediterrânico, levou-nos à adaptação de processos de ordenamento territorial próprias das centurições romanas, ou das paisagens de representação e lazer do palácio real em Marraquexe, Marrocos, à situação em estudo, tendo observado a estrutura da Paisagem envolvente. **39** O seu redesenho, ajustado ao delicado recorte da linha marginal da Albufeira, e a hipótese criação de duas barragens de cabeceira para regularizar o plano de água em períodos de redução do nível da barragem de Alqueva, gerou um desenho em que se procurou instalar um programa diversificado de hotel, golfe, clube náutico, e diversos núcleos de turismo residencial, integrado por núcleos de pomares, vinhas e matas, construindo um espaço diversificado e tematizado a partir de elementos típicos da paisagem rural. **40** Esta estratégia, desenvolvida a partir de conceitos do promotor, afirma a criação da identidade a partir da imagem como fundamento para a valorização e identificação do empreendimento.

41 O desenvolvimento do projecto para a herdade do Barrocal, partiu da hipótese de reabilitação de um agro-sistema de uso múltiplo baseado numa economia de montado, com a inserção de um uso turístico de baixíssima densidade como factor de inversão de uma economia agrícola inviável. **42**

Tendo o planeamento regional previsto um modelo de povoamento concentrado para o desenvolvimento de projectos turísticos na região, o estudo profundo elaborado por uma equipa multi-disciplinar veio no entanto demonstrar outras potencialidades inerentes ao lugar em estudo. **43**

A investigação histórica sobre o espaço veio a demonstrar que a paisagem em presença se estruturou a partir de um povoado neolítico, que ocupou os maciços rochosos ao longo das cumeadas deixando 16 antas e um menir como testemunhos de um racional aproveitamento do espaço, que libertou o solo

com maior potencial produtivo e dominou as nascentes da ribeira que se forma nesta zona. **44** A ocupação romana deslocou o centro de gravidade desta paisagem para a ribeira ao desenvolver uma villa rústica em torno de uma barragem, que permitiu regar os solos xistosos a jusante e aproveitar para a cultura do olival, os solos graníticos a jusante. **45** No século XIX o centro da exploração fixou-se novamente na cumeada, perto do menir, instalando uma das maiores e melhor desenvolvidas unidades agrícolas da região. Esta interpretação do espaço, bem como o reconhecimento da estrutura ecológica, confirmaram que o melhor modelo de ocupação espacial divergia daquele que era proposto pela administração regional, e que criaria uma situação aberrante ao localizar na imediação de Monsaraz, um aldeamento de dimensões equiparáveis, e fortemente descaracterizadoras. **46** A hipótese de proceder a uma ocupação semelhante à original, criando núcleos integrados no espaço ocupado na pré-história, valorizando os vestígios e criando uma ocupação de baixíssima densidade foi acolhida de forma muito positiva, invertendo o modelo de ordenamento do território e gerando uma enorme expectativa. **47** A localização da unidade hoteleira no espaço de uma pedreira em fim de exploração, permitiu manter como elemento principal o monte novecentista, subordinando hierarquicamente todos os elementos do projecto turístico e da exploração agrícola que se mantém em funcionamento e perspectiva uma forte sinergia com o desenvolvimento de um conceito turístico integrado, e a criação de um 'branding' que recupera elementos da economia local e regional.

Proponho à reflexão os diversos exemplos e experiencias acumuladas e expostas, à luz da discussão que procurei enunciar previamente, e que os oradores que me antecederam, brilhantemente propuseram.

Obrigado.